

Nina Rodrigues e o Quilombo de Palmares, um espaço raciológico

Thyago Ruzemberg Gonzaga de Souza

Graduado em História pela UFRN e Mestrando do PPGH-UFRN

Junto com a promulgação da Carta de Abolição em 1888 e com a Proclamação da República em 1889, no Brasil ocorre um aumento de eruditos que se colocam na responsabilidade de refletir, pensar e escrever uma identidade brasileira, um caráter nacional. A questão do negro tornou-se um problema emblemático na sociedade republicana em formação, sendo contemplada por poucos autores, mas movimentando uma literatura que reivindicava o caráter científico para si. Nina Rodrigues foi um dos precursores desse pensamento. O presente trabalho tem como objetivo analisar a reinvenção do espaço do Quilombo de Palmares nas produções de Nina Rodrigues (*A Troya Negra* e *Os africanos no Brasil*). Partindo de dois pressupostos teórico-metodológicos: o primeiro destinado à análise da produção de Rodrigues, em que lançamos mão da “operação historiográfica” de Michel de Certeau; o segundo destina-se a refletir dentro do campo da História Cultural dos Espaços, no qual procuramos, através das contribuições de Yi-Fu Tuan, perceber que tipo de racionalidade constrói o espaço mítico, Palmares. Nina Rodrigues, inovou a historiografia sobre Palmares primeiramente por contemplar dentro de seu trabalho todas as discussões feitas por autores anteriores que ainda encontravam-se muito dispersas e fragmentadas, mas, ao nosso ver, a sua contribuição se deu principalmente por colocar no centro da composição de Palmares a “questão do negro”. Construindo um Palmares pensado a partir de uma racionalidade raciológica, o Quilombo reinventado por esse autor é singular por basear-se em teorias sobre a raça negra, dando assim novos significados a esse espaço.

Palavras Chaves: Palmares. Raciológico. Nina Rodrigues.

Introdução

Esse texto é fruto dos primeiros resultados de uma pesquisa de temática mais ampla, que se destina a compreender a construção de um espaço mítico, o Quilombo de Palmares, na cultura historiográfica brasileira das décadas de 1930 e 1940, dialogando-a ou relacionando-a com um projeto maior que era a construção de uma nova nacionalidade ou cultura brasileira. Essa ideia da constituição de uma “nova nacionalidade” é defendida pelo cientista social Antônio Sérgio A. Guimarães, que atribui à “democracia racial” de Gilberto Freyre o papel de mito fundador de uma nova nacionalidade.¹ Essa cultura foi pensada por diversos autores, além de Freyre, vale destacar aqui dois envolvidos com a produção historiográfica: Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. Sabemos que desde meados da década de 1920 é problematizada em diversos campos artísticos, intelectuais e científicos a singularidade da cultura brasileira, o desfecho disso seria uma visão hegemônica que sairia da esfera pública e entraria na política durante o governo de Getúlio Vargas, estabelecendo no centro dessa produção a ideologia da “democracia racial”.

Os autores que nos dedicaremos a analisar na pesquisa têm como característica principal pensar o papel da cultura afro-brasileira nesse projeto, no entanto

é importante salientar que embora tenhamos como premissa a importância de compreender a produção desses autores, o nosso objeto é a produção voltada ao Quilombo de Palmares. Entendemos que Palmares ganha visibilidade como símbolo da cultura afro-brasileira nessa primeira metade do século XX, tomando novos significados, sobretudo, o espaço palmarino é reinventado de acordo com os debates contemporâneos e devido a uma nova racionalidade constituidora da raça negra e da cultura afro-brasileira.

Na cultura historiográfica sobre Palmares, que nos debruçaremos, destacam-se dois autores, Arthur Ramos e Edison Carneiro, as suas produções estão no cerne desta pesquisa, no entanto trataremos também de outros autores do período que tiveram menos destaque com suas produções, mas de maneira alguma são menos importantes, esse é o caso de: Mario Mello, Alfredo Brandão, Ernesto Ennes, Jayme Altavilla, Mário Martins Freitas e Benjamin Peret.

Analisaremos nesse texto a produção de Raimundo Nina Rodrigues sobre Palmares. Ele foi o autor que transformou a perspectiva historiográfica sobre Palmares, a maioria dos autores que produziram posteriores a ele teve que dialogar com sua obra. Além disso, Arthur Ramos e Edison Carneiro são diretamente vinculados a Rodrigues, considerados por muitos como herdeiros intelectuais e, sobretudo, reivindicantes dessa herança por fazerem parte da *escola* baiana de Antropologia Social. Portanto, é impossível compreender a reinvenção de uma espacialidade de Palmares a partir da década de 1930 sem compreender antes o espaço de Palmares construído na obra de Raimundo Nina Rodrigues.

À semelhança do que ocorreria posteriormente, a obra de Nina Rodrigues também estava inserida na preocupação da construção ou “compreensão” – era assim que ele e os outros autores da época entendiam a sua operação – da nação e da nacionalidade. Muito embora, o elemento de debate fosse outro, as produções desde o final da década de 1870 a 1910 destinavam a sua preocupação com a composição racial da nacionalidade brasileira. O objetivo desse texto é compreender sob que racionalidade Nina Rodrigues reinventou Palmares. Levando em consideração três fundamentos metodológicos da “operação historiográfica” de Michel de Certeau² para analisar o seu texto: o *lugar de fala*, o *autor* e a *escrita*.

Dialogando com as ideias do geógrafo humano Yi-Fu Tuan, que compreende os conceitos de espaço e lugar construído através das experiências, sentimentos e racionalidades. O Quilombo de Palmares é um *espaço mítico*, pois “consiste no componente espacial de uma visão de mundo, a conceituação de valores locais por meio do qual as pessoas realizam suas atividades práticas, esse espaço funciona como um

elemento de uma visão de mundo uma cosmologia.”³ Acreditamos que as concepções que produzem Palmares são partes de racionalidades de mundo, que estão diretamente ligadas as concepções sobre o lugar do negro na sociedade brasileira. Outro conceito fundamental na nossa reflexão é o de *espacialidade*, adotamos essa ideia de Renato Amado Peixoto.⁴ Essa concepção compreende a produção das construções espaciais, aqui podemos inserir a dinâmica das racionalidades aplicadas na invenção, reinvenção, compreensão e construção espaciais. E permite entender a ligação da produção de *espacialidades* e de identidades.

O problema do Negro na sociedade brasileira

Raimundo Nina Rodrigues é filho de um senhor de terras, o Coronel Francisco Solano Rodrigues, dono do Engenho São Roque no interior da província do Maranhão; a sua mãe, Luiza Rosa Nina Rodrigues, era descendente de uma família sefardita que veio para o Brasil fugindo das perseguições aos judeus na Península Ibérica. Nina foi um jovem de saúde frágil e raquítico, era também descrito como “muito feio” e irritadiço. Assim como os filhos integrantes da elite rural, teve seus estudos completados na capital da província, no seu caso em São Luís. Em 1882 saí do Norte e encaminha-se para a Faculdade de Medicina da Bahia em Salvador. Em 1885 transfere-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e em 1886 retorna a Faculdade de Medicina da Bahia; defendeu a sua tese no Rio de Janeiro em 1887, retornando a São Luís em 1888, onde clinicou por todo esse ano já contribuindo na *Gazeta Médica da Bahia*.⁵

Rodrigues fez um concurso para adjunto da cadeira de Clínica Médica na Faculdade de Medicina da Bahia, cujo titular era o conselheiro José Luiz de Almeida Couto republicano histórico, abolicionista, político de projeção nacional, seu mentor e futuro sogro. Nesse ponto, podemos observar alguns elementos importantes de sua vida para compreendermos os seus escritos: o autor é um dos *homens de sciencia*. Como Lilia M. Schwarcz explica o conceito de *homem de sciencia* é uma distinção – ligada ao tipo de produção cultural - feita pelo contemporâneo Sylvio Romero (homem de sciencia) vinculado a ideias das ciências modernas provenientes da Europa e América do Norte, em oposição a Machado de Assis (homem de letra), um artista.⁶ Costumeiramente esses *homens de sciencia* foram filhos de uma elite agrária que se tornaram em homens urbanos⁷; o ambiente urbano era caracterizado por rápidas modificações e Rodrigues viveu em duas das três maiores cidades do Brasil na época– Salvador e Rio de Janeiro; as três cidades de sua formação eram as capitais das províncias com maiores números de negros e mestiços na composição de sua população.

Nina presenciou também, as mudanças na estrutura social e política no final do Império ao início da República. Integrante de uma elite na “sociedade de castas” do “regime escravocrata e senhorial”⁸, ou melhor, numa sociedade com pouca mobilidade social dentro de um “sistema de clientela e patronagem”, mesclado de uma “ideologia conservadora”, liderada por uma “elite patriarcal”, que não tinham como preocupação o lugar social do negro. Emília V. da Costa⁹ compreende que apesar da grande presença de libertos durante o período imperial, a elite patriarcal segura de sua posição e poder devido à *clientelagem* que permitia a mobilidade social, não temiam essa população. Desta maneira segundo a autora não haveria racismo por parte dos proprietários de escravo, isso só ocorreria na mudança de conjuntura. Nina Rodrigues vivenciou o momento da integração de todos os negros na sociedade de classes num sistema de trabalho livre, como diria Florestan Fernandes tornando-se uma *anomia social*.¹⁰

Falamos de camarote, porque durante o ápice destas mudanças era estudante e professor iniciado na Faculdade da Bahia, morando provavelmente num cortiço, como era de costume aos estudantes, dividindo assim o prédio com alguns ou muitos negros e mulatos. E posteriormente, também seriam seus pacientes e objetos de estudos os negros e mulatos baianos.¹¹ Podemos fazer uma ligação entre o que provavelmente presenciou Rodrigues, nesse momento inicial de sua carreira, ao que Jorge Amado, escrevendo seu livro *Suor*, em que procurou expor como morador de um cortiço de Salvador, enquanto era estudante nos anos 1920. Amado descreveu a habitação como “Um mundo fétido, sem higiene e sem moral, com ratos, palavrões e gente”.¹² Mesmo levando em consideração a diferença de pouco mais de trinta anos da experiência de Nina Rodrigues e a do literato, as descrições de Jorge Amado demonstram o sentimento de uma vivência parecida na mesma cidade, Salvador, negra e mulata no meio de uma crise social.

O quadro apresentado por Fernandes para os problemas sociais do negro nessa nova conjuntura – desemprego, alcoolismo, abandono familiar, doenças, prostituição, vagabundagem e malandragem – foram todos expostos por Jorge Amado e, também, motivos dos estudos de Nina Rodrigues, que por via da *sciencia* se propôs a pensar “o problema “o Negro” no Brasil”¹³. Foram objetos da atenção desses dois homens os “pretinhos sujos, mulatinhos safados”¹⁴ que brigavam e furtavam nas ruas, ou pessoas como o negro Henrique que afirmava que para ser homem “precisa beber cachaça, dormir na cadeia e ter gonorreia”¹⁵. Não era fácil achar uma resposta ou solução para as crianças com as “barrigas grandes, cheias de vermes, aquelas bocas pequenas, de dentes quebrados, vestidos de restos de calças e de camisolões de chita”¹⁶. Foram

questões como essas que “o levou a sentir e a tocar, no âmago de uma população de aparências juvenis e vigorosas, possíveis germes de precoce decadência que mereciam sabidos e estudados, em busca de reparação e profilaxia”, enquanto médico foi conduzido ao “restrito e primitivo intuito do perito, forrava agora uma transcendente questão de higiene social.”¹⁷

O olhar médico sobre as questões sociais é uma de suas maiores marcas. Em 1891 é transferido para a cadeira de Medicina Pública, ocupada por Vigilio Damásio, cujas ideias adotou como professor da disciplina de Medicina Legal, encabeçando a luta pela implantação do ensino prático e a nomeação dos professores dessa como peritos da polícia. A vinculação com a Antropologia, nesse caso, não se dá por acaso, uma vez que se trata de uma área proveniente da medicina e da biologia. Segundo Mariza Corrêa, as preocupações com a raça como origem de problemas sociais e médicos e a proximidade com a antropologia, especialmente a raciologia, estão desde os seus primeiros textos. Porém é no livro *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*¹⁸ de 1894 que a “antropologia criminal” ganha centralidade em seu pensamento, esse livro é inovador por causa da sua defesa em favor de uma reorganização da lei para se adequar as condições psicológicas das raças. Nessa obra ele dialoga diretamente com Lombroso, Ferri, Garofalo – chefes da nova escola criminalista - e Alexandre Lacassagne - chefe da nova escola médico-legal francesa. Essa perspectiva de médico e de precursor da antropologia, em especial da antropologia criminal, estará nos textos, mesmo os de caráter histórico.

Essa perspectiva corrobora com a sua ideia de inferioridade da raça negra, que ele defendia com tanta convicção, pois “não é a realidade da inferioridade social dos negros que está em discussão. Ninguém se lembrou ainda de contestá-la. E tanto importaria contestar a própria evidência”¹⁹. Ele se vincula, assim como os *homens de sciencia* brasileiros, a linha de pensamento que compreende a constituição da raça como transitória e remediável, através de uma concepção original dos pensadores brasileiros de conciliar o darwinismo social a teorias poligenistas.²⁰ Nina Rodrigues era singular por sua visão pessimista, como diria Lilia Moritz Schwarcz, sobre a miscigenação, ele advogou que “toda mistura de espécies era sinônimo de degeneração”²¹, elas evoluiriam separadamente, de acordo com a sua capacidade e essência. As concepções dos *homens de sciencia* sobre o Negro no Brasil é parte de uma *processo didático*. Segundo Edward Said esse processo é fundamentado na ideia que “todas as culturas impõem correções a realidade bruta, transformando-as de objetos flutuantes em unidade de conhecimento”, as culturas “sempre manifestaram a tendência de impor transformações

completas às outras culturas, recebendo-as não como elas são, mas como, para o benefício do receptor, elas devem ser”.²² Para a cultura historiográfica do período, o Negro é o outro, no qual as suas concepções seriam impostas. Esse processo de conversão é disciplinado, é ensinado, tem suas próprias sociedades, periódicos, tradições, retórica, tudo conectado e suprido pelas normas políticas e culturais prevalentes nos *lugares* de produção. A produção sobre Palmares estava submetida a essa cultura historiográfica.

Palmares o desvio da ordem social

O médico escreveu apenas dois textos sobre o Quilombo de Palmares, *A Troya Negra*²³ de 1904 e sua releitura *As sublevações de negros no Brasil anteriores ao século XIX – Palmares*²⁴, que foi modificada até a sua morte em 1906. Ao observar a sua vasta obra, em que apenas sete textos têm caráter histórico, e dois se dedicam a Palmares, somos levados a questionar, por que Palmares é uma temática importante para Nina Rodrigues?

Mariza Corrêa aponta que sua obra é marcada por uma preocupação pela “garantia da ordem social”, sua perspectiva raciológica conduzia a explicação dos problemas físicos e sociais – epidemias, crimes, alienação, charlatanismo, fetichismo etc. - dos negros e mulatos pela *degeneração* da raça, que poderia ser evitada ou pelo menos deveria ser levada em consideração pela política e pela lei.²⁵ Um exemplo da sua preocupação com a “garantia da ordem social” era o medo constante em ver acontecer no Brasil o que ocorreu no Haiti, que perpassa as suas obras e é lembrado por ele às autoridades que o leem, utilizando o exemplo dessa república como impossibilidade de organização do negro, mesmo os mais avançados, de alcançar a civilização *ariana* e de se adequar totalmente a organização do branco.²⁶ Esse medo em perder a ordem, medo do caos no qual a origem ele entende estar no negro e mulato, possivelmente, o faz pensar o espaço de Palmares como um risco a civilização, o medo da paisagem da revolução haitiana sobrepõe a sua escrita sobre Palmares, o Quilombo é uma *espaço do medo*.²⁷

Palmares parece ser um problema que Nina deveria enfrentar para que sua tese fosse comprovada, para explicar a impossibilidade momentânea de algumas raças negras de civilizar-se ele deveria explicar o Quilombo. Aparentemente na visão de alguns autores que o antecederam e alguns membros da sociedade, principalmente autores estrangeiros do início do século XIX – Ferdinand Denis, Robert Southey e Thomas Lindley - teriam explicado Palmares por uma visão que caracteriza a sua luta por um sentimento

liberal,²⁸ o reduto negro era exemplo da possibilidade de organização aos moldes dos brancos. Opondo-se a isso, Rodrigues afirma que “acima dessa idolatria incondicional pela liberdade que pode, em sua cegueira sectária, confundir coisas distintas e descobrir intuítos liberais onde houve apenas o instinto de salvação, paira o respeito pela cultura e civilização dos povos”²⁹. Portanto, o que seria o maior exemplo de organização do negro na América Portuguesa tornou-se um problema para Nina Rodrigues.

É evidente que houve outras insurreições conhecidas pela cultura histórica no início do século XX, mas foram poucas as conhecidas. É importante destacar que, para Rodrigues, o desconhecimento sobre as insurreições não ocorre apenas pelo fato da desorganização dos negros, mas também pelo desinteresse dos senhores, por isso não tem documentação. Sobre as sublevações anteriores as revoltas dos malês na Bahia durante o século XIX, ele afirma que “de todo perde-se o cunho das lutas organizadas, enfraquece-se o nexa ao desígnio de um esforço pela liberdade, não se percebe mais vibrar o sentimento nostálgico da longínqua terra natal”.³⁰ Mas mesmo com o conhecimento de poucas sublevações, “de algumas se tem feito grandiosas epopeias da raça negra”, dentre elas o destaque é dado a Palmares, a maior delas.

Desde o seu primeiro texto sobre o Quilombo, Nina Rodrigues denominou Palmares de *Troya Negra*, para entendermos esse espacialidade é preciso observar essa comparação com a cidade da Frígia que aparece na *Ilíada* de Homero. Primeiramente, o próprio autor referencia a origem da comparação, “*Troya Negra* chamou Oliveira Martins a Palmares e uma *Ilíada* a sua historia”³¹, o autor português lançou esse epíteto em 1876, em Lisboa, no livro *O Brasil e as colônias portuguesas*. Inferimos que não é uma mera questão estética a denominação adotada por Nina Rodrigues, ambos partiam das mesmas premissas provenientes da raciologia, em que as raças humanas eram diferentes e obedeciam uma hierarquia biológica e civilizacional. A ideia de Oliveira Martins obedecia a um pensamento que acreditava ser positiva a instalação dos negros em quilombos no interior da América Portuguesa, pois se estes negros voltassem a África retornariam ao nível de barbárie inicial³². Observe que, nesse caso, Palmares é um espaço intermediário entre o espaço totalmente civilizado dos Estados brancos e o espaço bárbaro das demais raças, assim como Tróia, que estava entre a civilização grega e a Ásia frequentemente pensada como barbará pela cultura histórica do século XIX e início do XX.

Nina Rodrigues adota essa concepção inicial sobre Palmares enquanto espaço intermediário, no entanto, ele a transforma em algo mais complexo, quando estabelece hierarquias raciais internas aos negros, distinguindo diversas raças dentro dessas escalas hierárquicas de evolução – chamitas africanos, negros *bantus*, negros sudaneses e

negros insulani . Tornando ainda mais complexo, as raças subdividem-se em povos “que entre eles existem graus, há uma escala hierárquica de cultura e aperfeiçoamento” e sofrem “diante da necessidade de, ou civilizar-se de pronto, ou capitular na luta e concorrência que lhes movem os povos brancos, a incapacidade ou a morosidade de progredir, por parte dos negros, se tornam equivalentes na prática”.³³ Tornando assim os negros e mulatos naturalmente inferiores aos brancos, uma vez que é impossível “conceder, pois, aos negros como em geral aos povos fracos e retardatários, lazeres e delongas para uma aquisição muito lenta e remota da sua emancipação social”³⁴. Mas também, os entendendo como inferiores e superiores entre si, vejamos a comparação feita por Rodrigues entre os sudaneses e os bantos:

(...) se comparam os povos Bantus aos Sudaneses, tem-se a impressão de que, através de toda a culta e sanguinária barbaria dos últimos, povos há no Sudão que atingiram a uma fase de organização, grandeza e cultura que nem foi excedida, nem talvez atingida pelos Bantus.³⁵

As questões conceituais que diferem raça, povo, nação e etnia ainda não estão bem estabelecidas no século XIX, fazendo com que esses termos se confundam e tenham uma relação ambígua³⁶, portanto perceberemos constantemente que Rodrigues olha os demais termos sempre tendo como a base dos mesmos a raça e com isso o fator biológico. Nação talvez seja o termo que mais se difere de raça, devido a realidade da nação brasileira que estaria sendo pensada no período. Coube ao racismo científico ser o “cimento da ideia de nação”³⁷ e pensar a composição da nação multirracial, portanto a nação não está vinculada a uma raça mas a várias raças. No entanto, existe a raça hegemônica e superior como sua base e seu eixo, no caso brasileiro a raça branca ariana.

Troya Negra, um Estado africano bantu

Voltando a *Troya Negra* de Nina Rodrigues, diferentemente de Oliveira Martins e dos demais autores que se dedicaram a compreender Palmares, ele procura na composição racial as respostas. Ocorre que, devido a complexidade de sua visão raciológica, a compreensão do Quilombo como espaço intermediário acima citado é confuso e talvez subvertido. Palmares é compreendido como um espaço da raça *bantu*, não só porque ele identifica que em Pernambuco e na circunvizinhança o tráfico de escravo importou mais negros de origem *bantu*, mas principalmente porque ele identificou nos relatos dos viajantes características culturais dos povos *bantus*. Reconhecer os

bantus como hegemônicos não é a questão, o que se coloca como problemática para se compreender a racionalidade que ele investe na reinvenção de Palmares é perceber o que Nina Rodrigues pensa por *bantus* dentro dessa visão do racismo científico.

Esse grupo da África Meridional é entendido como inferior aos demais negros, caracterizados por uma “pobreza mítica” que, segundo Rodrigues, está “perfeitamente reconhecida e demonstrada” e lhes possibilitou adotar uma “caricatura da religião católica dos colonos”.³⁸ Essa interpretação é corroborada pela documentação que demonstra “a existência, em Palmares, da capela e das imagens católicas encontradas na sua capital Macacos e da igreja mencionada no *Diário* de Blaer não consente dúvida a este respeito, pois foi sempre absoluta a incompatibilidade dos cultos católico e muçulmano”³⁹, aqui ele compreende a impossibilidade de serem sudaneses os palmarinos. Sobre os palmarinos ele afirma que eram “negros fetichistas os que ali se congregaram, ou pelo menos os que deram organização e governo a Palmares”⁴⁰, “Nina lança a ideia da incapacidade psíquica das ditas raças inferiores para assimilar as elevadas abstrações do monoteísmo”⁴¹, mesmo quando ocorre uma suposta adoção do catolicismo, há persistência do fetichismo africano como expressão do sentimento religioso do negro e mestiço.

Segundo Nina Rodrigues, a organização de Palmares era condizente com a capacidade intelectual do povo *bantu*, “podemos inferir que eram as tradições da organização política e guerreira dos povos bantus a que os títulos dos seus generais e chefes repetiam de modo claro em Palmares”⁴², essa organização atingiu as áreas política, econômica, cultural e social. É importante percebermos que as conclusões dele sobre o fato de Palmares ser construída por *bantus*, se baseiam principalmente em elementos linguísticos e na localização do Quilombo – Serra da Barriga, na capitania de Pernambuco. As conclusões sobre as organizações das comunidades africanas é fruto do diálogo com a obra do coronel A. B. Ellis, o que Munanga observou como “ignorância elementar” confiar tanto num trabalho realizado por um agente colonial em situação de violência.⁴³ Por último, para caracterizar o espaço como característico da capacidade intelectual da raça negra ou *bantu*, ele notoriamente parte da teoria raciológica, da qual já falamos.

Podemos notar que ele entende Palmares como um Estado africano, pelo menos é assim que ele apresenta nas partes iniciais dos dois textos, pois como “em geral nas cidades africanas”, a organização das “cidades de Palmares deviam ser verdadeiros agrupamentos de pequenas vilas, quarteirões ou distritos, em que raças, povos ou famílias diversas, regidas por leis e costumes diferentes, muitas vezes se associam ou confederam.”⁴⁴ E “que em liberdade os negros de Palmares se organizaram em um

estado em tudo equivalente aos que atualmente se encontram por toda a África ainda inculta”, no entendimento dele, a “tendência geral dos Negros é a se constituírem em pequeno grupos, tribos ou estados em que uma parcela variável de autoridade e poder cabe a cada chefe ou potentado”.⁴⁵ No entanto contradições aparecem no decorrer dos textos, principalmente na versão final que está em *Os africanos no Brasil*, devido a tentativa dele incrementar as explicações sobre o caráter racial *bantu* do Quilombo. As contradições são menos frutos da falta de documentação que comprovasse a sua teoria, e mais do desejo de provar sua tese baseada na teoria raciológica.

Ao passo que em parte de sua explicação ele aponta para a originalidade de um espaço que podemos entender enquanto híbrido⁴⁶, já que “na organização de Palmares tivessem tido voto e peso os foragidos de cor de todos os matizes, temperando e não mascarando o ascendente de chumbo da direção africana” e o quilombo não tivesse “fortes e radicadas tradições de governo africano, as noções de que se tinham impregnado os negros na longa convivência com o povo em cujo seio viveram escravos, deviam forçosamente comunicar a Palmares tons das regras e hábitos a que estiveram submetidos”, portanto “no governo de Palmares muito devia haver de importado das práticas e costumes da colônia portuguesa.”⁴⁷

Por outro lado, ou melhor, contraditoriamente procurando novamente afastar a “capacidade do negro” de organizar-se socialmente da disposição social da civilização branca, ele contrapõe-se a ideia de Rocha Pita de uma “república rustica, mas bem ordenada a seu modo”⁴⁸, afirmando que o termo república só poderia descrever Palmares enquanto “accepção lata de Estado, jámais como justificação da fôrma de governo por elles adoptada”⁴⁹. Talvez, Nina não tenha observado que devido a obra desse autor ter sido produzida na década de 1720, a ideia de *res publica* era muito comum para qualquer tipo de governo, o que a definia era a designação de preocupação com o povo, era o governar para o povo. Acreditamos que para Nina Rodrigues era inimaginável para ele naquele momento histórico conceber ao negro um nível de civilização que a tão pouco tempo o Brasil havia conquistado, assim também como era inimaginável que Pita quisesse dar um caráter de governo republicano ao Quilombo, mas possivelmente a condição de *res publica*. Para Nina, o correto é compreender Palmares como uma “monarquia eletiva”, pois cada vez “que aparece um chefe de maior prestígio e felicidade na guerra ou no mando, esses pequenos estados se subordinam a um governo central despótico que se pode considerar eletivo neste sentido de tocar sempre ao que dá provas de maior valor ou astúcia.” Esse tipo de organização, segundo ele, já havia ocorrido na história dos povos negros.⁵⁰

Em seus textos expõe determinados aspectos ou indícios de uma nova cultura e uma nova organização em Palmares, que não se limitaria enquanto africana ou de tradição *banta* e que contradiria a sua proposição, porém ele ignora esses indícios confirmando sua tese. Ele apresenta que na “cultura e polícia não consta que Palmares fosse além da ordem estabelecida na direção da defesa interna e externa de onde procederam os *Zambis*, os seus magnatas, auxiliares, mestres de campos e juizes, seus conselhos e assembleias”⁵¹, uma organização política no mínimo próxima da organização colonial, da qual os escravos fugidos e os homens livres tiveram contato, independente de ser na África ou na América Portuguesa. Assim também, ao descrever a economia, tornou-se impossível para ele conceber Palmares sem aspectos que fugissem as culturas de povos isolados da cultura colonial, “não consta na ordem industrial tivesse passado da aplicação agrícola e comercial, estritamente necessária à manutenção do pequeno estado”.⁵² Essa aparente contradição é submetida a racionalidade racalista que permeia o seu trabalho e o leva a lançar mão da ideia de capacidade intelectual da raça negra e mestiça, para lidar com essa aparente contradição, como ele mesmo fala sobre essas organizações, “tudo isto em nada excede a capacidade dos povos bantus. Antes se pode afirmar que francamente voltaram eles à barbaria africana.”⁵³

Ao entender o Quilombo de Palmares como um espaço *bantu*, ele também está definindo-o como um espaço inferior racialmente, essa inferioridade se aplica a uma hierarquia que está além da branco-superior em oposição ao negro-inferior, ela diz respeito à afirmativa de que era um espaço inferior dentro de uma hierarquia das diversas raças negras. Logo, mesmo que Palmares suscite algumas boas impressões para o autor e para aqueles que conhecem a história do Quilombo narrada pelo mesmo, eles compreenderão que a sua luta e a sua sublevação é, antes de tudo, resultado da inadequação dessas raças ao espaço da civilização branca ocidental. Analisando a produção da espacialidade de Palmares, entendemos que é um espaço dentro dos espaços Negros, inferior racialmente e de uma pobreza mítica ou cultural reconhecida.

Considerações finais

Rodrigues encontra nos relatos a possibilidade da participação de índios e mestiços na constituição do Quilombo e de elementos que parecem com os da sociedade colonial, isso não significa para ele que Palmares é um espaço mais rico. Pelo contrário, quando ele se depara com os relatos da organização de Palmares, no que seria compreendido pelas culturas historiográficas posteriores como parte da cultura nacional, ele percebe um símbolo da inferioridade que não se adequa a civilização. *Troya Negra*

não teria, nesse caso, o significado “positivo” que foi colocado por Oliveira Martins como um espaço intermediário entre a barbárie e a civilização, aqui ela se colocaria como um entrave, um inimigo do avanço civilizacional da nação brasileira. A proximidade com a história da civilização grega não traz a Palmares uma visão positiva do autor, ele nega a proximidade do Quilombo a uma herança da civilização. Exemplo disso é uma crítica negativa feita aos historiadores entusiastas de Palmares que comparam a atitude dos palmarinos de raptar as mulheres nos engenhos e fazendas com o feito histórico do roubo das Sabinas, “para firmar, para os Negros, neste traço acidental de fortuita parecença com os dominadores do mundo antigo, novo título de admiração”.⁵⁴ Vejamos a sua louvação a destruição de Palmares:

A todos os respeitos menos discutível é o serviço relevante prestado pelas armas portuguesas e coloniais, destruindo de uma vez a maior das ameaças à civilização do futuro povo brasileiro, nesse novo Haiti, refratário ao progresso e inacessível à civilização, que Palmares vitorioso teria plantado no coração do Brasil.⁵⁵

A *Troya Negra* de Nina Rodrigues é, antes de tudo, um inimigo da civilização, um espaço do medo, um espaço construído pela racionalidade raciológica de inferioridade do negro *bantu*, um espaço que ameaçava a ordem social; Palmares lembrava que o Brasil poderia ser um Haiti. Talvez seja pelo medo dessa lembrança que o termo *Troya Negra* só apareça duas vezes nos seus textos: no início, ou melhor, no título e quando é datada a derrota de Palmares, ou seja, no final - “Em 1695 estava pois, destruída a Troya Negra”.

¹ GUIMARÃES, Antônio S. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: FUSP; Ed. 34, 1999.

² CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006

³ TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983. p. 99

⁴ PEIXOTO, Renato A. Espacialidades e estratégias de produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX. In: **Revista de História Regional**. 15(1): 169-193, Verão, 2010.

⁵ CORRÊA, Mariza. Raimundo Nina Rodrigues e a “garantia da ordem social”. In: **REVISTA USP**, São Paulo, n.68, p. 130-139, dezembro/fevereiro 2005-2006.

⁶ SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1970-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 28-42.

⁷ CORRÊA, Mariza. **Ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil**. 2.ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2001.p. 29;

⁸ FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1978. p.15-21.

⁹ COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. 9.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 358.

¹⁰ FERNANDES, Florestan. *Op. cit.* p.98-222.

¹¹ CORRÊA, Mariza. *Op. cit.*

¹² AMADO, Jorge. **Suor**. 39.ed. Rio de Janeiro: Record, 1982. P.11.

¹³ RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. p.9. Disponível em: <<http://www.bvce.org>>

¹⁴ AMADO, Jorge. *Op. cit.* p.33

¹⁵ *Ibidem*. p.52

¹⁶ *Ibidem*. p.74

¹⁷ RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. p.9. Disponível em: <<http://www.bvce.org>>

¹⁸ RODRIGUES, Nina. **Raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, s.d.

¹⁹ RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. cit.* p. 289

²⁰ SCHWARCZ, Lília M. *Op. cit.* 1993.

²¹ SCHWARCZ, Lília Moritz. Nina Rodrigues e o Direito Penal: mestiçagem e criminalidade. In: ALMEIDA, Adroaldo J. S. et. al. (org.). **Religião, raça e identidade**: colóquio do centenário da morte de Nina Rodrigues. São Paulo: Paulinas, 2009. V. 6. Coleção estudos da ABHR. p. 38

²² SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 107-108.

²³ RODRIGUES, Nina. A Troya Negra: erros e lacunas da História de Palmares. In: **Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano**. Recife, v.11, n.63, p. 645-672, set., 1904.

²⁴ RODRIGUES, Nina. As sublevações de negros no Brasil anteriores ao século XIX. Palmares. In: *Os africanos no Brasil*. 4º edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976, pp.71-97

²⁵ CORRÊA, Mariza. *Op. cit.* 2005 -2006. p.136

²⁶ RODRIGUES, Nina. **Raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, s.d. p. 118, 133.

²⁷ TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

²⁸ REIS, Andressa M. B. dos. **Zumbi**: historiografia e imagens. 2004. 148 f. Dissertação (Mestrado). Franca: Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP, 2004.

²⁹ RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. *Op. cit.* p.85

³⁰ RODRIGUES, Nina. A Troya Negra. *Op. cit.* 1904. p.645.

³¹ *Ibidem*. p.663

³² REIS, Andressa Mercês *Op. cit.*

³³ RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. *Op. cit.* p.290

³⁴ *Ibidem*. P.290

³⁵ *Ibidem*. P.297

³⁶ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENRT, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguindo de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrick Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p.33.

³⁷ COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos**: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 166.

³⁸ RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. *Op. cit.* p. 97, 247.

³⁹ *Ibidem*. p. 96

⁴⁰ *Ibidem*. p. 96

⁴¹ MUNANGA, Kabengele. Negros e mestiços na obra de Nina Rodrigues. In: ALMEIDA, Adroaldo J. S. et. al. (org.). **Religião, raça e identidade**: colóquio do centenário da morte de Nina Rodrigues. São Paulo: Paulinas, 2009. V. 6. Coleção estudos da ABHR. p. 21.

⁴² RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. *Op. cit.* p.101

⁴³ MUNANGA, Kabengele. *Op. cit.* p. 25

⁴⁴ RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. *Op. cit.* p. 84

⁴⁵ *Idem*.

⁴⁶ FUNARI, Pedro Paulo; CARVALHO, Aline Vieira. **Palmares, ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. GOMES, Flávio. **Palmares**: escravidão e liberdade no Atlântico Sul. São Paulo: Contexto, 2005. REIS, João José; GOMES, Flavio dos Santos (org.). **Liberdade por um fio**: Histórias dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁴⁷ RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. *Op. cit.* p. 84.

⁴⁸ ROCHA PITA, Sebastião. *História da América Portuguesa*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

⁴⁹ RODRIGUES, Nina. A Troya Negra. *Op. cit.* p. 650

⁵⁰ RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. *Op. cit.* 2010. p. 85

⁵¹ *Ibidem*. p. 101.

⁵² *Idem*.

⁵³ *Idem*.

⁵⁴ *Ibidem*. p. 82

⁵⁵ RODRIGUES, Nina. A Troya Negra. *Op. cit.* 1904. p. 652